

SER HUMANO: SER TECNOLÓGICO

Tiago Bruno Bruch¹

A Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra do século XVIII, talvez tenha sido o mais relevante movimento econômico-tecnológico da história da humanidade, só comparado à descoberta das faculdades ígneas na Pré-História. Aliando ao conhecimento científico, construído por meio da racionalidade típica da era pós-trevas, a situação política da Grã-Bretanha, que, desde a Revolução Gloriosa, vinha sendo administrada pela burguesia, e um método de produção inovador e ousado, os britânicos se alçaram como superpotência hegemônica no globo. Atualmente, a Inglaterra já não mais dá as cartas do intrínseco jogo do equilíbrio de forças internacional; contudo, seu sistema de produção, proposto há mais de três séculos, mas ampliado e atualizado, permanece como a mola propulsora do mundo globalizado.

Foi nos Estados Unidos da América que, depois da Segunda Guerra, deu-se início ao atual estágio da Revolução Industrial, ou, como afirmam alguns entusiastas, que foram lançadas as sementes do que vingaria na Revolução Digital. Esta revolução, que se desenrola ante nossos olhos, serve de tema ao ensaio *Nossa melhor aposta*, de André Petry, publicado pela revista *Veja*, em 5 de maio de 2010, edição 2163. O autor, que é jornalista gaúcho e então articulista da revista, enfatiza a neutralidade moral da tecnologia, no ponto em que ela cria maravilhas e facilita as tarefas humanas, mas pode dar origem a horrores nunca antes concebidos. Petry não foi o primeiro a constatar isso, haja vista que, já na década de 1940, o gênio Albert Einstein entrou em profunda depressão depois de saber que suas descobertas científicas possibilitaram aos norte-americanos explodir bombas atômicas sobre o Japão, ato que ceifou a vida, quase instantaneamente, de mais de duzentas mil pessoas.

No texto *Nossa melhor aposta*, o autor foi feliz ao valer-se de uma comparação que expõe o paradoxo da tecnologia no mundo moderno: ao mesmo tempo em que são consumidos inúmeros recursos humanos e naturais para manter as conquistas da tecnologia, a evolução tecnológica propõe criar mecanismos que preservem o planeta e que sejam baseados no princípio da sustentabilidade. Segundo Petry, para representar essas contradições é válido o exemplo da criatura *Frankenstein*, da obra de Mary Shelley, publicada em 1818, que representa a revolta da criatura contra seu criador e que traz à tona discussões éticas e morais referentes aos limites que devem ser impostos à livre criação, ou, no caso, à criação irresponsável.

Curiosamente, a apreensão que estimulou a publicação de *Frankenstein* pode ser relacionada com as ideias de outro inglês, Thomas Malthus, cuja principal tese era que a produção de alimentos não suportaria o ritmo de crescimento da população. Se fosse vivo, Malthus provavelmente diria que, enquanto a capacidade humana cresce em progressão aritmética, a capacidade das máquinas cresce em progressão geométrica e que, portanto, uma guerra entre máquinas e homens seria necessária

¹ Acadêmico do 3º semestre do Curso de Direito do Centro Universitário UNIVATES, de Lajeado/RS. Resenha feita na disciplina de Português Instrumental, ministrada pela profa. Maria Alvina Pereira Mariante. tiagobrucho@gmail.com

para se equilibrar essa relação. Em outras palavras, que seria preciso um retrocesso tecnológico para preservar a continuidade da espécie humana. A partir disso poderia ser incitada uma espécie de neoludismo - renascimento do ludismo, movimento de pessoas que, no século XIX, destruíam as máquinas por acreditarem que elas eram a origem das mazelas sociais. A concepção malthusiana de que a humanidade estaria fadada à fome já foi contestada enquanto o filósofo estava vivo, pois, ao que parece, Malthus ignorou em suas projeções os efeitos de um artifício humano: a tecnologia. Atualmente, de modo semelhante, porém muito mais vultoso, o inglês ver-se-ia mais uma vez objetado pela capacidade tecnológica (progredida exponencialmente) e pelos maiores especialistas no assunto, os quais defendem que a maneira mais eficiente para se preservar a espécie e o planeta é aprimorar cada vez mais a tecnologia. A luta contra o aquecimento global é a prova de que a tecnologia pode resolver os problemas por ela criados, desde que isso seja feito de forma responsável.

As mesmas discussões suscitadas pelas obras de Shelley e de Malthus são verificadas quando se leva em conta os efeitos da tecnologia na vida contemporânea. É fato que a Revolução Digital proporciona acesso irrestrito à informação; todavia, essa acessibilidade, na forma em que se apresenta, pelo mundo virtual, como o próprio nome sugere, torna-se abstrata e difícil de controlar, dando a mentes litigiosas oportunidades inigualáveis para perpetrar seus atos execráveis. A verdade é que o grande problema do expoente máximo da globalização, a internet, está justamente na sua maior virtude - a rede mundial de computadores constitui-se numa lâmina de dois gumes, no ponto em que os usuários perdem suas personalidades individuais e tornam-se meros dados numéricos (pode-se dizer que a personalidade do usuário passa a ser seu I.P.). O consequente esfriamento nas relações interpessoais não pode ser desconsiderado. Atualmente, grande gama de indivíduos é conhecido somente pelo mundo virtual. Essa despersonalização, entretanto, como se verifica no artigo de Veja, pode ser, também, uma poderosa ferramenta de disseminação democrática, principalmente em nações cujos governos são autoritários e nas quais as liberdades de expressão e de opinião são veementemente reprimidas. Tanto é verdade que o Google, maior sítio de buscas na *web*, retirou-se da China, país que adota a censura digital, em protesto à invasão do governo a contas de usuários que tinham ideologia considerada subversiva.

Não obstante, ferramentas como blogs e comunicadores instantâneos são importantes vetores de contato com novas ideias e, por conseguinte, estimulam a ampliação de horizontes intelectuais - algo visceralmente contraposto ao extremismo político-social. Cento e quarenta caracteres: este é o tamanho das mensagens que, através do microblog *Twitter*, possibilitaram a mobilização de tunisianos, egípcios, líbios, iemenitas e demais povos do mundo árabe que vivem sob a égide de regimes autocráticos e relapsos em relação aos anseios da sociedade para reivindicar liberdade política e religiosa, melhores condições de vida e emprego e, sobretudo, democracia. Os protestantes se valeram do *Twitter* para trocar informações úteis para a resistência frente aos repressores. Não à toa as primeiras medidas governamentais foram no sentido de suprimir a internet, os serviços de telefonia e mensagens instantâneas; todavia, uma vez avivado o desejo e, especialmente, as ações sociais por mudanças, dificilmente os déspotas árabes poderão se manter. A China, claro, censurou todas as informações na internet e na mídia que dizem respeito a protestos que podem levar à queda de regimes ditatoriais.

Em última análise, pode-se asseverar que a tecnologia, muito embora tenha seu lado amoral, pode e deve ser utilizada de modo consciente, pois a moralidade tecnológica reside justamente no *ethos* humano. A própria condição do que entendemos por humano está atrelada ao uso de tecnologia, ora, pois, o ser humano não é "o animal racional"? Ser racional, basicamente, implica em conceber formas e ferramentas que tornem mais fácil e eficiente a construção ou preservação de um modo de vida; justamente, estas formas e ferramentas é que são nominadas tecnologia. É importante que todos tenham acesso à educação tecnológica, a fim de que se cumpra o mais básico dos princípios da tecnologia: estar a serviço da humanidade, e não o contrário.